



Fluidas essências: a questão do essencialismo na literatura feminina chicana

Juliana Machado Meanda¹

RESUMO:

Este trabalho analisa a questão do essencialismo em obras da autora chicana Lucha Corpi. A protagonista Gloria Damasco possui uma percepção extrassensorial, que pode ser interpretada como algo “próprio” da figura feminina e “ligado” a uma cultura nativa. São utilizados referenciais da teoria de gênero como Asher (2017) e Richard (2002), e de estudos chicanos, como Quiñonez (2002) e Rebolledo (1995). Essas obras podem ser percebidas no limiar do essencialismo, mas indicam que estão em oposição ao pensamento hegemônico, ao evidenciar que, mesmo dentro de uma categoria, há a diversidade acima de qualquer tentativa de homogeneização.

PALAVRA-CHAVE:

Literatura Chicana;
Estudos de Gênero;
Essencialismo.

A autora:

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: julianameanda@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0531-9729>

1 Introdução

A ficção detetivesca de Lucha Corpi traz momentos históricos significativos para a comunidade chicana, sendo o Movimento Chicano das décadas de 1960 e 1970 bastante expressivo nas obras. O termo “chicana/o”, utilizado originalmente com conotação pejorativa pela sociedade branca dos Estados Unidos em referência a pessoas de origem mexicana, foi adotado ao final da década de 1960, no contexto das reivindicações por direitos civis, como autodenominação que trazia um posicionamento político por mexicanas/os residentes daquele país ou nascidas/os em território estadunidense de ascendência mexicana. As pessoas que assim se identificavam demonstravam, portanto, seu apoio ao ativismo. Apesar de nem todo mexicano-americano identificar-se como chicano, a autora e sua protagonista fazem questão de deixar clara sua posição política e sua ligação com o Movimento Chicano, utilizando o termo “chicana”.

Lucha Corpi, nascida no México na década de 1940 e residente dos Estados Unidos desde a década de 1960, é uma das escritoras pioneiras da literatura chicana e precursora da ficção detetivesca feminina chicana, sendo um de seus nomes mais conhecidos. Sua série detetivesca é composta por cinco livros, e aqui serão abordadas as três primeiras obras da série, publicadas na década de 1990: *Eulogy for a Brown Angel* (1992), *Cactus Blood* (1995) e *Black Widow's Wardrobe* (1999). Todas são protagonizadas pela primeira detetive feminina da literatura chicana, Gloria Damasco, que demonstra em muitas ocasiões uma postura assertiva na defesa das mulheres e que possui como uma de suas características mais marcantes e interessantes uma percepção extrassensorial, uma espécie de clarividência que surge repentinamente já no início do primeiro livro da série.

Esse lado de sua personalidade é chamado pela própria personagem de dom sombrio (*dark gift*), por não compreendê-lo muito bem, além de sua dificuldade em aceitá-lo e interpretá-lo. Apesar de aos poucos ir aprendendo a lidar melhor com seu dom sombrio, Gloria é consciente de que este será sempre um elemento causador de desequilíbrio em sua personalidade. Assim, o presente trabalho visa discutir a questão de um possível essencialismo nessas obras, especialmente em relação ao dom sombrio da protagonista, que possui aspectos que podem ser relacionados a um lado “oculto” ou “sobrenatural”, tradicionalmente mais atrelado à figura feminina e a culturas nativas. Tendo em vista especialmente os aspectos de gênero e etnia da personagem, buscarei analisar como a autora emprega essa característica de sua protagonista para empreender uma problematização, ao mesmo tempo considerando a possibilidade de ser entendida como um reducionismo essencialista.

O essencialismo está relacionado a uma ideia de essência, de qualidade inerente de um ser, e portanto atrelado a uma abordagem de viés biológico, em que determinadas características seriam inatas. Essa visão muitas vezes gera estereótipos e certas cristalizações de representações. Contudo, quando se fala em “mulher”, ou em “chicana”, por exemplo, se pressupõe alguma delimitação que possa abarcar estes conceitos. Assim, é importante destacar que qualquer denominação de uma identidade coletiva engloba uma certa essencialização, tal como afirma Deepika Bahri (2013, p. 669): “O estudo de qualquer coletividade identitária deve enfrentar o problema do essencialismo [...]” Deste modo, a própria ideia de “mulher” implica alguma delimitação em relação à noção de gênero, que contudo parece não ter um consenso mesmo dentro do debate feminista.

A classificação de etnia também envolve essa mesma questão. A denominação “povo chicano”, por exemplo, abarca um certo grau de essencialização, mas ao mesmo tempo indica uma camada da sociedade que possui uma cultura e história distintas da cultura e história dominantes dos Estados Unidos. Os nacionalistas chicanos da década de 1960 acreditavam que poderiam transformar a sociedade estruturando-se em torno do que muitos denominaram de “chicanismo”, entendendo que deveriam organizar-se em torno de questões e interesses chicanos, com foco na igualdade para o grupo, julgando assim que a união ocorreria ao se abraçar uma identidade comum (ACUÑA, 2015, p. 337). O chicanismo era então o veículo usado para expressar o nacionalismo chicano, criado para confrontar as desigualdades na sociedade estadunidense durante a época da Guerra do Vietnã. (CHÁVEZ, 2002, p. 5)

O Movimento Chicano buscava desfazer a fragmentação e a alienação, enfatizando o que havia em comum entre seus membros, como a língua (o bilinguismo espanhol-ínglês) e o compartilhamento de condições culturais comuns de opressão econômica e política (FREGOSO; CHABRAM, 1990, p. 204). Deste modo, as diferenças internas foram minimizadas para que as questões étnico-racial e de classe sobressaíssem no início dos movimentos pelos direitos civis da comunidade chicana. Naquele momento, “*La Causa*”, isto é, a causa chicana – a luta por justiça e igualdade para os chicanos nos Estados Unidos – era o lema que deveria ser colocado acima de qualquer questão. Apesar do aspecto monolítico e essencializante que essa concepção carrega, ela teve notável importância em uma época na qual a união da comunidade de fato faria a força para a ascensão do Movimento Chicano e para a visibilização deste grupo subalternizado pela hegemonia estadunidense. Mais uma vez nas palavras de Bahri (2013, p. 671):

Durante uma disputa com objetivos direcionados e específicos, fica, assim, justificado postular uma identidade de grupo com traços comuns a fim de favorecer seus interesses ao mesmo tempo que se continua a debater e contestar a hegemonia da identidade essencial.

Assim, as mulheres chicanas contestaram essa “identidade comum” chicana, como aponta Elizabeth Martínez (1998, p. 163): “Durante o movimento de liberação chicana de 1965-75, desafios abertos ao sexismo começaram a ser ouvidos a partir das participantes chicanas.”² E ela explica a razão para isto: “[...] a contradição de encontrar práticas de supremacia masculina dentro de um movimento que supostamente lutava pela justiça social impulsionou muitas chicanas a uma nova consciência.”³ (MARTÍNEZ, 1998, p. 164). Ela prossegue afirmando que “a liberação chicana era então vista como uma expressão da masculinidade, e esta por sua vez era definida como uma dominação”⁴ e que “o ‘chicanismo’ deveria significar orgulho de nossa gente; [contudo], muitas vezes, era ‘somente para machos.’”⁵ (MARTÍNEZ, 1998, p. 166). Segundo Mary Louise Pratt (1993, p. 861), “[...] o Movimento Chicano era machista em sua concepção e tendia a reproduzir irrefletidamente a subordinação das mulheres. Muitas vezes isso ocorria em nome da unidade tanto do movimento quanto da nação em cujo nome ele lutou.”⁶

Tinha-se, por um lado, que “[...] o movimento de liberação das mulheres era então dominado por mulheres anglo-americanas.”⁷ (MARTÍNEZ, 1998, p. 164). Por outro lado, como ressalta Chávez (2002, p. 5), o nacionalismo chicano, enquanto despontava, privilegiava os homens e marginalizava as mulheres. Ou seja, as chicanas foram negadas, desvalorizadas ou omitidas em dois tipos de discurso: o discurso anglo-americano dominante e o discurso chicano masculino (QUIÑONEZ, 2002, p. 141). A obra de Lucha Corpi aponta essa questão enfrentada pelas mulheres chicanas, muitas vezes pressionadas a terem de escolher entre seu gênero e sua etnia, como se fosse possível eleger apenas um aspecto a ser priorizado, o que

¹ As traduções livres serão colocadas no corpo do texto, com as citações originais em notas de rodapé.

² “During the Chicano liberation movement of 1965-75, open challenges to sexism began to be heard from Chicana participants.” (MARTÍNEZ, 1998, p. 163)

³ “[...] the contradiction of encountering male-supremacist practices within a movement supposedly fighting for social justice spurred many Chicanas to new consciousness.” (MARTÍNEZ, 1998, p. 164)

⁴ “Chicano liberation is then seen as an expression of manhood, and manhood is defined as domination.” (MARTÍNEZ, 1998, p. 166)

⁵ “‘Chicanismo’ was supposed to mean pride in our peoplehood; too often, it was ‘for machos only.’” (MARTÍNEZ, 1998, p. 166)

⁶ “[...] the Chicano movement was masculinist in its conception and tended to unreflectively reproduce the subordination of women. Often this occurred in the name of the unity of both the movement and the nation in whose name it struggled.” (PRATT, 1993, p. 861)

⁷ “[...] the women’s liberation movement was then dominated by Anglo women.” (MARTÍNEZ, 1998, p. 164)

também ocorre com mulheres de outros grupos étnicos subalternizados, como as negras. Porém, os diversos elementos que compõem as identidades estão sempre imbricados, ou seja, não atuam isoladamente, mas de forma conjugada. Estudiosa afro-estadunidense que cunhou o termo “interseccionalidade”, Kimberlé Crenshaw (2002, p. 181) afirma:

Mulheres que insistem em defender seus direitos contra certos abusos que ocorrem dentro de suas comunidades arriscam serem vítimas de ostracismo ou de outras formas de desaprovação por terem presumivelmente traído ou constrangido suas comunidades.

Contudo, como defende Ribeiro (2017, p. 71): “[...] não pode haver hierarquia de opressões, pois sendo estruturais, não existe ‘preferência de luta’”. Ainda a respeito da interseccionalidade étnico-racial e de gênero, Crenshaw (2002, p. 185) reflete:

A expressão política da solidariedade racial ou o nacionalismo constitui-se em obstáculo para que se aborde o bem-estar de mulheres racialmente identificadas em todo o mundo. Com base na defesa da raça ou da nação, a retórica antifeminista às vezes coloca as mulheres na posição insustentável de ter que escolher entre suas identidades como mulheres e suas identidades como membros de nações ou de grupos raciais marginalizados.

Como membro da comunidade chicana, a protagonista Gloria Damasco é consciente de que ações sempre deveriam ser tomadas a partir de uma reflexão anterior, levando em consideração a coletividade de seu grupo étnico e considerando a possibilidade de impactar negativamente e corroborar, mesmo que não-intencionalmente, para a discriminação contra os chicanos. Essa questão fica clara na passagem a seguir, do primeiro livro da série de Corpi, quando a personagem reflete sobre isso junto de sua melhor amiga, a também chicana Luisa:

No verão de 1970, tudo o que qualquer um de nós fazia tinha que ser considerado de acordo com seu impacto político na comunidade chicana. Então Luisa e eu apoiávamos a regra não escrita que proibia os chicanos de irem a público em relação a quaisquer questões que pudessem ser usadas para justificar a discriminação contra nós.⁸ (CORPI, 1992, p. 64)

⁸ “In the summer of 1970 everything anyone of us did had to be considered according to its political impact on the Chicano community. So Luisa and I supported the unwritten rule that forbade Chicanos to go public on any issues that could be used to justify discrimination against us.” (CORPI, 1992, p. 64)

A ficção de Corpi deixa claro o preconceito com relação à mulher chicana dentro de seu próprio grupo étnico, apontando explicitamente as divergências entre o nacionalismo chicano e o feminismo na década de 1970: “O nacionalismo chicano e o feminismo não caminhavam de mãos dadas antes ou durante o verão de 1970.”⁹ (CORPI, 1992, p. 66). Deste modo, a personagem expõe que o chicanismo se mostrou machista e excludente das mulheres chicanas, que eram relegadas às margens do movimento.

Aqui é interessante refletir também sobre a categorização da coletividade “mulher”, e mesmo da mais específica “mulher chicana”. Diana Fuss (1989, p. 19-20) ressalta que a estratégia construcionista de especificar mais precisamente as subcategorias de “mulher” não exclui necessariamente o essencialismo, e reflete ainda que utilizar o termo “cair em” implica que o essencialismo é inerentemente reacionário – inevitável e inescapavelmente um problema ou um erro; já os termos “utilizar” ou “acionar”, por outro lado, implicam que o essencialismo pode ter algum valor estratégico ou intervencionista. Fuss lembra assim a famosa afirmação de Gayatri Spivak (1987, p. 205), que, em um ensaio acerca dos Estudos Subalternos, afirma entender esta área acadêmica como um uso estratégico do essencialismo positivista em um escrupulosamente visível interesse político. De todo modo, nas palavras de Anne Phillips (2010, p. 48): “[...] a ideia de que podemos ter que ‘assumir o risco da essência’ para ter qualquer vantagem política continua a ser um tema importante na teoria e política feministas.”¹⁰

Fica claro assim o uso estratégico-político de categorias que são aparentemente essenciais e fixas, mas que se sabe serem problemáticas, generalizadoras e imprecisas. Contudo, diversos conceitos e denominações que são de certo modo reducionistas possuem seu valor, especialmente ao promover um recorte tático para dar visibilidade a grupos subalternizados por séculos de preconceitos e subjugações que se apoiam em aspectos como etnia e gênero. Fuss (1989, p. 32) afirma que vale a pena “correr o risco” do essencialismo; ela acredita que o fator determinante na decisão do valor político ou estratégico do essencialismo depende principalmente de quem o pratica. Assim, no contexto aqui abordado, leva-se em conta que quem produz a narrativa é uma autora de origem mexicana que viveu o período do Movimento Chicano e que, além disso, promove em suas obras discussões a respeito de diversas questões históricas, culturais e identitárias que dizem respeito àquelas/es de origem mexicana nos Estados Unidos.

⁹ “Chicano nationalism and feminism didn’t walk hand in hand before or during the summer of 1970.” (CORPI, 1992, p. 66)

¹⁰ “[...] the idea that we may have to ‘take the risk of essence’ in order to have any political purchase remains an important theme in feminist theory and politics.” (PHILLIPS, 2010, p. 48)

Deve-se pontuar ainda que o pertencimento a um grupo subalternizado não indica necessariamente que aquele indivíduo esteja atento em relação às opressões vividas pelo grupo como um todo. Como exemplifica Nelly Richard (2002, p. 137): “Não basta ‘ser mulher’ (determinante sexual) para que o texto se carregue da potencialidade transgressora das escritas minoritárias.” Ou ainda, como afirma Djamila Ribeiro (2017, p. 69): “O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar.” Assim, não se justifica a propriedade da escrita de Corpi apenas por esta se denominar chicana ou ter nascido no México e migrado para os Estados Unidos, mas por todas as questões que ela insere em suas obras, ressaltando as desigualdades da comunidade chicana em relação à hegemonia e ao mesmo tempo problematizando questões internas a esta coletividade, especialmente em relação à condição da mulher chicana, promovendo ainda visões alternativas sobre a história estadunidense ao valorizar o ponto de vista de um grupo subalternizado. “Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.” (RIBEIRO, 2017, p. 64)

2 A ficção detetivesca de Lucha Corpi

A comunidade chicana abordada por Corpi é aquela do estado da Califórnia. A primeira obra da série, *Eulogy for a Brown Angel* (1992), traz à cena em sua abertura a marcha da Moratória Chicana, protesto ocorrido de fato na cidade de Los Angeles em 1970 contra a Guerra do Vietnã. Sua produção literária resgata aspectos históricos e culturais que evidenciam injustiças sociais e questões políticas que fazem parte deste grupo étnico, abordando ainda perspectivas sobre etnia e gênero, problematizando deste modo as identidades chicanas e dando especial atenção à mulher dentro do contexto de suas obras. Gloria Damasco está não apenas profundamente enraizada em sua comunidade étnica, mas sente também uma responsabilidade direta em relação ao seu meio social, não separando suas crenças pessoais e seu compromisso com sua comunidade de sua investigação. (GARCÍA, 2016, p. 74)

A cena que dá início à narrativa deste primeiro livro coloca Gloria como participante da Moratória Chicana, e logo após o protesto ela se depara com o cadáver de um menino chicano, em cuja boca nota a presença de excremento humano. Muito abalada, Gloria chega a vomitar, caindo no chão. É nesse momento de extrema perturbação que ela tem sua primeira sensação “fora do normal”: “Por um instante, senti que estava olhando para baixo, vendo a criança, Luisa e a mim

mesma de um lugar acima, enquanto a ação abaixo de mim avançava, como um filme antigo, sobre uma tela. Senti que estava flutuando sobre os telhados.”¹¹ (CORPI, 1992, p. 18). Gloria assiste a tudo sob uma perspectiva diferente, como se pairasse acima da cena. Ela prossegue: “Eu olhei para baixo, para mim mesma. Lá estava eu [...] deitada e frágil ao lado do menino morto, minha pele escura brilhando de suor.”¹² (CORPI, 1992, p. 19). Neste momento há a identificação racial entre ela e o menino em relação ao tom de pele de ambos, e além disso, essa experiência é crucial para o desenvolvimento do enredo, já que, a partir da descoberta do corpo da criança, Gloria acaba adentrando involuntariamente o mundo da investigação criminal e tornando-se detetive amadora.

Quando começa a ter essas experiências, Gloria lembra de sua avó, indicando que já possuía anteriormente uma curiosidade e um interesse pelo sombrio, e, de alguma maneira, uma sensibilidade com relação ao lado obscuro da vida. Além disso, é ressaltado o relacionamento familiar entre mulheres, mostrando possuírem sensibilidade para questões de ordem emocional e também a importância do relacionamento entre gerações. Como aponta Rebolledo (1995, p. 108), a escrita de muitas chicanas apresenta a importância dos laços entre mulheres da família e amigas. Isso é perceptível na obra de Corpi, que dispõe as mulheres no centro de sua escrita. Gloria está sempre cercada de figuras femininas, desde vítimas até mulheres fortes que a ajudam nas investigações e que atuam intensamente na comunidade e em suas vidas privadas. Flys-Junquera (2006, p. 10) observa também essa questão, afirmando que a ação e o apoio da comunidade de mulheres são centrais nas tramas de Corpi. Já Maloof (2006, p. 14) destaca especialmente o papel da geração mais velha de mulheres chicanas e mexicanas nos romances de Corpi, que compartilham crenças populares, remédios caseiros, tradições mexicanas, práticas culturais indígenas/mestiças e espiritualidade. Gloria reconhece como uma herança de sua avó a ideia de que a natureza é muito mais ampla do que aquilo que pode ser entendido racionalmente e observado externamente, como reflete:

Eu estava experimentando algo fora do comum [...] Talvez isso fosse apenas o produto do que minha avó chamava de minha “mente impressionável”, seu termo para uma imaginação que poderia

¹¹ “For an instant, I felt that I was looking down at the child, at Luisa and at myself from a place up above while the action below me rushed, like an old film, over a screen. I felt I was floating over the rooftops.” (CORPI, 1992, p. 18)

¹² “I looked down at myself. There I was [...] lying fragile next to the dead boy, my dark skin glistening with sweat.” (CORPI, 1992, p. 19)

facilmente desenvolver uma curiosidade mórbida pelo lado proibido ou sombrio da natureza.¹³ (CORPI, 1992, p. 26)

Aqui há uma relação entre esse lado “sombrio” de Gloria e sua ligação com sua avó, o que pode por um lado ser tomado como reificante de uma ideia tradicional de se atrelar às mulheres este tipo de sensação e propensão, mas por outro valoriza a ancestralidade e retoma um contato importante com uma forma não-racional de vivenciar e compreender a vida. Na verdade, Corpi problematiza essa questão, colocando Gloria em conflito entre essas percepções sobre as quais não tem qualquer controle e seu lado racional, aquele que busca uma explicação lógica sobre os fatos que ocorrem ao seu redor:

Eu propositadamente não mencionei nenhuma das minhas experiências de “voo”. Suponho que me senti constrangida, pois sempre busquei explicações racionais para qualquer coisa que acontecesse comigo, usando a intuição para apoiar a razão, e não o contrário.¹⁴ (CORPI, 1992, p. 30)

As visões de Gloria são consequência de seu envolvimento emocional com o caso, como analisa Vassos (2007, p. 52):

Ao longo de seus romances, a clarividência de Damasco está ligada inextricavelmente ao seu envolvimento em uma investigação. É como se todo o seu ser estivesse à disposição do caso. Até mesmo em seus sonhos, ela ordena informações que ajudarão a resolver o caso. A investigação não está mais limitada ao reino do concreto (ou seja, a pistas físicas), e o mundo de sua história de detetive não está mais limitado ao mundo material.¹⁵

Essa nova característica de sua personalidade surge como uma espécie de consciência extrassensorial, a qual não compreende muito bem e tem dificuldade em interpretar, e por isso a chama de dom sombrio – *dark gift*. Pearson (2002, p. 44) afirma que, em contraste com muitos romances detetivescos tradicionais, que

¹³ “I was experiencing something out of the ordinary [...] Perhaps it was only the product of what my grandmother called my ‘impressionable mind,’ her term for an imagination that could easily develop a morbid curiosity for the forbidden or the dark side of nature.” (CORPI, 1992, p. 26)

¹⁴ “I purposely didn’t mention any of my ‘flying’ experiences. I suppose I felt embarrassed since I had always sought rational explanations for anything that happened to me, using intuition to support reason rather than the other way around.” (CORPI, 1992, p. 30)

¹⁵ “Throughout her novels, Damasco’s clairvoyance is linked inextricably to her involvement in an investigation. It is as if her whole being were at the disposal of the case. Even in her dreams, she is sorting through information that will help her solve the case. Investigation is no longer limited to the realm of the concrete (i.e. physical clues), and the world of her detective story is no longer limited to the material world.” (VASSOS, 2007, p. 52)

retratam um protagonista masculino durão e cínico, Gloria não tem medo de revelar suas emoções e reações ao leitor, e em cada romance ela é compelida, por visões e por empatia pessoal pelas vítimas, a aceitar os casos, mostrando seu profundo senso de responsabilidade e lealdade a seu povo. Já Maloof (2006, p. 2) observa que Gloria Damasco, uma detetive clarividente, traz uma nova perspectiva estética e cultural feminista chicana ao gênero da ficção detetivesca.

Entretanto, esse novo aspecto de Gloria não é prontamente aceito por ela mesma, que demonstra não ser muito ligada ao lado espiritual, apesar de possuir formação católica, o que evidencia um dos aspectos culturais chicanos herdados do México a partir da Espanha. Aqui há um contraponto, ao colocar Gloria como não-praticante do catolicismo, que é uma forte característica cultural chicana. Embora manifeste simpatia por aspectos ligados ao catolicismo, ela não demonstra ter uma relação forte ou formal com a religião. Logo, fundir essa nova faceta de cunho mais espiritual à sua personalidade e a seu modo de viver se mostrará um grande desafio para ela. Além disso, a investigação externa leva também a uma investigação de si mesma, da história que envolve os casos e de sua própria trajetória pessoal. Para a/o detetive, interpretar os traços deixados pelo criminoso é se envolver simultaneamente em um processo de auto-exegese; a interação da/o detetive com o texto criminal revela fragmentos de sua identidade e evidencia que a identidade está sempre em processo. (RODRIGUEZ, 2005, p. 9)

Gloria vivencia uma ruptura entre as realidades objetiva e subjetiva, mas de alguma forma demonstra ouvir essa “voz” que não consegue compreender. Ela percebe que suas visões compõem uma espécie de idioma exótico, cujos sinais e símbolos parecem muitas vezes ininteligíveis. Contudo, ela começa a ter algumas percepções intuitivas a respeito do crime e de seu assassino, mesmo não tendo muita clareza sobre o significado das mensagens. Logo, ela se questiona sobre a utilidade dessas visões, acreditando não ser exatamente um presente ou um dom, mas um fardo, já que não consegue “decodificar” as visões para ajudá-la a encontrar o assassino, uma vez que o que se espera de uma lógica detetivesca é a base em dados e indícios comprováveis, ou seja, uma explicação racional do que acontece:

Eu já sabia que algo na minha constituição psicológica havia mudado. [...] Certamente este não era um grande presente, eu percebi. De que adiantavam as visões se não havia um modo de decodificá-las? Se a sua

eficácia como ferramenta para capturar o assassino era nula?¹⁶ (CORPI, 1992, p. 62)

Com o passar do tempo, Gloria percebe mudanças em suas visões em termos de frequência e de natureza, demonstrando sua transformação vinda com o amadurecimento no decorrer da obra, ao longo de anos. É notável a mudança no comportamento de Gloria, pois ela demonstra ter aprendido a aceitar suas percepções extrassensoriais e a equilibrar melhor esse aspecto de sua identidade: “Finalmente, eu aprendi a aceitar este dom sombrio e a construir o delicado equilíbrio no qual minha sanidade repousava.”¹⁷ (CORPI, 1992, p. 123). Contudo, apesar de aos poucos conseguir lidar melhor com seu dom sombrio, Gloria é consciente de que este será sempre um elemento causador de desequilíbrio em sua personalidade:

Quão injusto me parecia ser a receptora de um dom sombrio, e ainda este sendo tão pequeno e limitado. Apenas uma coisa parecia certa no momento, que não importa quão limitado esse dom psíquico fosse, ele permaneceria como uma parte de mim até o dia em que eu morresse.¹⁸ (CORPI, 1992, p. 128)

Já no segundo livro da série, *Cactus Blood* (1995), após diversas mudanças terem ocorrido em sua vida, quase vinte anos depois, Gloria continua a ter visões e também a lidar com elas de modo ambivalente, demonstrando ainda ter dificuldade em aceitar plenamente esse seu aspecto: “Eu lutei contra a tentação de amaldiçoar cada um dos meus antepassados de quem eu poderia ter herdado minha clarividência – meu dom sombrio, como eu o chamava.”¹⁹ (CORPI, 1995, p. 22). Ela tece assim uma relação entre seu dom e seus antepassados, como uma herança deixada a ela, o que leva à ideia de que, sendo chicana, provavelmente herdou esse aspecto de seus ancestrais indígenas/mexicanos. De certa forma isto corrobora uma visão tradicional de que os povos nativos, de uma forma geral, possuem uma ligação maior com a terra e com aspectos espirituais não-dogmáticos, em uma organização que segue outra lógica, menos centrada no pensamento cartesiano,

¹⁶ “I already knew that something in my psychological make-up had changed. [...] Surely it wasn’t much of a gift, I realized. What good were visions if there was no way to decode them? If their effectiveness as a tool to apprehend the murderer was nil?” (CORPI, 1992, p. 62)

¹⁷ “Eventually, I learned to accept this dark gift and to build the delicate balance on which my sanity rested.” (CORPI, 1992, p. 123)

¹⁸ “How unfair it seemed to be the recipient of a dark gift, yet to have it be so small and limited. Only one thing seemed certain at the time, that no matter how limited this psychic gift was, it would remain a part of me until the day I died.” (CORPI, 1992, p. 128)

¹⁹ “I fought the temptation to curse every one of my ancestors from whom I could have inherited my clairvoyance – my dark gift, as I called it.” (CORPI, 1995, p. 22)

objetivo, concreto. Assim, através desta personagem, o romance traz o que foi perdido com a “civilização” e a colonização, que subjuga não apenas corpos, mas também formas de conhecimento. Mais uma vez Gloria traz lembranças de sua avó, resgatando uma sabedoria popular feminina a respeito da vida, mas ao mesmo tempo colocando sua visão racional a respeito de questões enigmáticas para si:

Talvez minha avó, Mami Julia, estivesse certa quando disse que não havia coincidências na vida. A menos que frustrássemos os esforços do destino com nossa determinação, ela frequentemente me dizia que conhecer certas pessoas estava predestinado, que o curso de grandes eventos em nossas vidas já estava traçado. [...] uma coisa parecia certa: as coincidências deixavam de ser uma série de eventos aleatórios quando uma inteligência dava sentido a elas. Eu sempre quis ser essa inteligência. Eu ainda quero [...]”²⁰ (CORPI, 1995, p. 23-24)

De tal maneira, mesmo cerca de duas décadas após ter tido esse seu lado despertado, ele ainda se mostra como um grande desafio a ser enfrentado, com o qual Gloria continua a debater-se; mas uma vez que as percepções surgem, ela se empenha em compreendê-las racionalmente. Assim, Corpi não coloca de forma simplória esse dom de sua personagem, mas sim como um complicador e como uma forma de refletir sobre formas diversas de conhecimento. No trecho a seguir, Gloria comenta sobre sua relação com seu dom ao longo do tempo, evidenciando sua falta de controle sobre ele. Ao mesmo tempo em que se sente perturbada, ela sabe que seus sonhos e visões podem conter pistas valiosas sobre o caso, e se esforça para buscar uma compreensão:

Eu tinha vinte e três anos quando descobri pela primeira vez que eu tinha uma consciência extrassensorial – meu dom sombrio. Desde então, eu sabia que não tinha mais controle sobre seus ritmos do que sobre as batidas do meu coração. No entanto, eu tinha lutado implacavelmente para não ter minha razão obscurecida por essa presciência em mim. Mas eu também percebi que, independentemente de como eu me sentia sobre a minha percepção aumentada, uma vez que os sonhos e visões viessem, eu estaria comprometida – como uma criptógrafa não qualificada – a extrair o significado deles e a agir sobre o conhecimento.²¹ (CORPI, 1995, p. 32)

²⁰ “Perhaps my grandmother, Mami Julia, had been right when she said that there were no coincidences in life. Unless we thwarted fate’s efforts with our willfulness, she often told me, meeting certain people was predestined, the course of major events in our lives already charted. [...] one thing seemed certain: that coincidences ceased to be a series of random events when an intelligence made sense of them. I had always wanted to be that intelligence. I still do [...]” (CORPI, 1995, p. 23-24)

²¹ “I was twenty-three when I’d first discovered I had an extrasensory awareness – my dark gift. Since then, I had known that I had no more control over its rhythms than I had over my heart’s beating. Nonetheless, I had relentlessly fought not to have my reason clouded by this prescience in me. But I also realized that regardless of how I felt about my heightened perception, once the dreams and

Novamente, a reflexividade da protagonista se destaca em relação às suas percepções extrassensoriais, seu dom sombrio que continua a atuar ao longo de sua nova investigação. Mesmo após tantos anos lidando com essa sua característica, Gloria indica que as inquietações permanecem e não podem deixar de existir, que sua identidade sempre terá esses dois lados que devem ser manejados: “Senti-me desanimada com o pensamento de que eu poderia sempre ter que adivinhar-me, revistando as águas turvas da minha psique, armada com nada além da fraca luz da minha inteligência intuitiva para me guiar.”²² (CORPI, 1995, p. 69). Assim, ambiguidade e ambivalência são características presentes na construção identitária de Gloria Damasco, havendo na personagem certos dilemas aos quais não são oferecidas resoluções ou simplificações. Na verdade, suas contradições são problematizadas e complexificam a composição da protagonista.

Uma das pessoas com quem Gloria entra em contato nesse segundo título para reunir informações a respeito do caso que investiga é María Baldomar, uma curandeira. A respeito dessa figura, Rebolledo (1995, p. 83) comenta: “A curandeira possui habilidades intuitivas e cognitivas, e sua conexão e inter-relação com o mundo natural é particularmente relevante.”²³ Ela afirma ainda que a imagem da curandeira como “vidente” é central na literatura chicana (REBOLLEDO, 1995, p. 84). García (2016, p. 76) observa que essa habilidade sobrenatural de Gloria, que complementa o processo de investigação criminal, está profundamente ligada à herança cultural familiar e às curandeiras chicanas. María Baldomar percebe o dom de Gloria, confirmando sua vocação de curandeira e demonstrando possuir sensibilidade psíquica quando diz a ela: “Olhar para o passado [...] é olhar para o futuro. Mas é preciso um certo tipo de talento, um grande dom, para ver como o passado se tornará o futuro. É disso que se trata o seu dom.”²⁴ (CORPI, 1995, p. 94), ao que Gloria responde que ela faz parecer tão fácil, mas que não tem sido tão simples assim para si mesma. María prossegue: “Só porque você duvida muito de si mesma. É difícil ser quem você é [...] As pessoas zombam de você – elas não entendem [...] Elas te provocam, incapazes de ver a natureza do seu dom, com

visions came I would be committed – like an unskilled cryptographer – to extract meaning from them and to act on the knowledge.” (CORPI, 1995, p. 32)

²² “I felt disgruntled at the thought that I might forever have to second-guess myself, to rifle the murky waters of my psyche armed with nothing more than the puny light of my intuitive intelligence to guide me.” (CORPI, 1995, p. 69)

²³ “The curandera possesses intuitive and cognitive skills, and her connection to and interrelation with the natural world is particularly relevant.” (REBOLLEDO, 1995, p. 83)

²⁴ “To look into the past [...] is to look into the future. But it takes a certain kind of talent, a great gift, to see how the past will become the future. That’s what your gift is all about.” (CORPI, 1995, p. 94)

medo dele muitas vezes.”²⁵ (CORPI, 1995, p. 94). A respeito da relação entre estas duas personagens, Patricia Vassos (2007, p. 60) comenta:

Através desse relacionamento entre María e Damasco, Corpi transmite as dificuldades envolvidas em ser uma curadora espiritual ou visionária em uma sociedade que zomba de tais práticas. Não apenas os indivíduos que praticam formas alternativas de espiritualidade precisam enfrentar o ceticismo e o desprezo da população em geral, mas também precisam permanecer firmes em sua convicção de seguir seu caminho espiritual de escolha, independentemente dos desafios.²⁶

A trama de Corpi mais uma vez problematiza a questão, ao colocar outro personagem, Ramón Caballos, como um xamã charlatão. A questão é que esse tipo de experiência de Gloria é relacionada a uma espiritualidade pagã, que é denegrada pela ideologia dominante neocolonialista, assim como o era pelo pensamento colonial: “As práticas religiosas dos povos colonizados eram frequentemente denegradas como mera superstição ou abertamente atacadas como paganismo, e assim usadas para justificar a chamada ‘missão civilizadora’ [...] do colonizador.”²⁷ (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2013, p. 226). Esse aspecto da obra demonstra uma problematização e resistência ao pensamento dominante: “O renovado interesse nas ideias do sagrado e do sacro na recente escrita e crítica pós-colonial reflete a resistência que os espaços pós-coloniais ofereceram às ideias eurocêntricas do sagrado.”²⁸ (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2013, p. 233). Sobre essa questão, Kiran Asher (2017, p. 524) chama atenção para o risco de haver uma simplificação na representação de saberes fora do eixo hegemônico:

O conhecimento até então marginalizado dos povos indígenas e do Terceiro Mundo é central para imaginar alternativas ao capitalismo colonial e a conexões mais justas entre os seres humanos e a natureza. Mas é imperativo estar ciente das armadilhas e da problemática de representar esse conhecimento, isto é, da economia política da

²⁵ “Only because you doubt yourself so much. It is hard to be who you are [...] People make fun of you – they don’t understand [...] They taunt you, unable to see the nature of your gift, afraid of it many times.” (CORPI, 1995, p. 94)

²⁶ “Through this relationship between María and Damasco, Corpi conveys the difficulties involved in being a spiritual healer or visionary in a society that scoffs at such practices. Not only do individuals practicing alternative forms of spirituality have to contend with skepticism and scorn from the general population, but they have to remain steadfast in their conviction to follow their spiritual path of choice regardless of the challenges.” (VASSOS, 2007, p. 60)

²⁷ “The religious practices of colonized peoples were often denigrated as mere superstition or openly attacked as heathenism, and so used to justify the so-called ‘civilizing mission’ [...] of the colonizer.” (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2013, p. 226)

²⁸ “The renewed interest in ideas of the sacred and of the sacral in recent postcolonial writing and criticism reflects the resistance that post-colonial spaces offered to Eurocentric ideas of the sacred.” (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2013, p. 233)

produção de conhecimento, a fim de evitar afirmações simplistas sobre ontologias decoloniais e futuros pós-coloniais.²⁹

Além disso, questões de traição, lealdade e pertencimento voltam novamente à tona como algo que permeia a identidade chicana, especialmente a feminina. Não pertencer a apenas uma cultura pode ser visto como um problema, assim como não participar de apenas uma luta também – em relação à questão das chicanas serem cobradas sobre sua lealdade ao Movimento Chicano e ao mesmo tempo terem questões a serem reivindicadas através do Movimento Feminista. Surge ainda a questão ética e política a respeito de suspeitos schicanos e da polícia, colocando o impasse entre a comunidade chicana subalternizada e o grupo dominante. Gloria se questiona sobre a quem deve sua lealdade, lembrando o Movimento Chicano e sentindo ainda similar hesitação mesmo muitos anos depois:

Onde minhas lealdades repousavam? Se eu tivesse que escolher, quem eu salvaria? Quem eu sacrificaria? A que custo? Durante o meu envolvimento no Movimento Chicano de Direitos Cívicos nos anos 1970, eu tinha muitas vezes vivido com esse tipo de dilema ético. Eu esperava que dessa vez eu não tivesse que enfrentar tal impasse.³⁰ (CORPI, 1995, p. 161)

O terceiro livro da série, *Black Widow's Wardrobe* (1999), inicia com uma observação de Gloria acerca de Licia Lecuona, a viúva negra, afirmando que, desde a primeira vez em que colocou os olhos sobre ela, sabia que aquela era a mulher que aparecia em seu pesadelo recorrente. Gloria percebeu que seus sentimentos e sonhos haviam se tornado enredados com os dela, que as visões se seguiriam e ela não teria outra escolha a não ser trabalhar para se livrar de seu domínio. Expondo sua familiaridade com sonhos e pesadelos, Gloria relata que alguns são de tipos diferentes, a partir dos quais ela precisa agir, buscando juntar seus fragmentos em um todo que faça sentido, expressando ainda, mais uma vez, sua ambivalência ao lidar com seu dom sombrio:

²⁹ “The heretofore-marginalized knowledge of Indigenous and Third World peoples is central to imagining alternatives to colonial capitalism and to more just connections between humans and nature. But it is imperative to be cognizant of the pitfalls and problematics of representing this knowledge, that is, of the political economy of knowledge production in order to guard against simplistic claims about decolonial ontologies and postcolonial futures.” (ASHER, 2017, p. 524)

³⁰ “Where did my loyalties rest? If I had to choose, whom would I save? Whom would I sacrifice? At what cost? During my involvement in the Chicano Civil Rights Movement in the 1970s, I had often lived with these kinds of ethical dilemmas. I hoped that this time I would not have to face such a quandary.” (CORPI, 1995, p. 161)

Pesadelos vívidos não eram incomuns para mim. Ao longo dos anos, eu tive tantos que aprendi a me libertar de seu domínio assim que abria meus olhos. Mas às vezes eu tinha outros tipos de sonhos, sonhos que desencadeavam visões, imagens fragmentadas e símbolos de um cenário maior, que eu me sentia compelida a juntar. Eu temia aquele momento em que minhas visões me forçavam a agir sobre elas. Meu dom sombrio era uma benção mista na melhor das hipóteses, mas era uma parte de mim, uma parte que minha razão sempre tentava negar ou controlar.³¹ (CORPI, 1999, p. 10)

Licia é uma personagem que acredita ser a reencarnação da figura lendária de Malintzin Tenepal ou Doña Marina, mais conhecida como “La Malinche”, que teve papel crucial na Conquista do México no século XVI como tradutora entre espanhóis e indígenas. A figura de Malinche possui grande simbologia para os mexicanos e conseqüentemente para os chicanos, por ser considerada a mãe de uma nova raça, ícone da origem dos mestiços. Ao ser questionada se acredita em reencarnação, Gloria reflete: “Minha primeira reação era dizer que não. Mas houve um tempo em que eu tampouco acreditava em clarividência.”³² (CORPI, 1999, p. 17). Deste modo, a detetive, agora profissional, admite a si mesma que apesar de sua ambivalência ao lidar com seu dom, acredita nele, mesmo que precise aliar o seu pensamento racional para extrair significado de suas percepções. Ela se mostra, assim, aberta à possibilidade da reencarnação, uma vez que também era cética em relação ao seu dom, que se mostrou real. Assim, apesar da hesitação de Gloria em acreditar na reencarnação de Malinche em Licia, ela recorre à pesquisa sobre essa figura histórica para buscar pistas sobre o caso.

Ao fim deste terceiro livro da série, Gloria passa por um período de recuperação após uma cirurgia devido a uma bala ter atingido seu baço, que teve de ser removido, resultado de um confronto em decorrência de sua investigação. É nesse ponto que ela percebe que seus sonhos e visões cessaram, admitindo que, por mais que tivesse relutância em relação ao seu dom, ela agora sente sua falta:

Durante minha estada no México e depois, já em Oakland, desconfiei que eu havia perdido meu dom sombrio, pois quase não tinha sonhos de nenhum tipo, muito menos visões. Às vezes, nas horas de insônia que regavam minha longa recuperação, eu tinha a noção neurótica de

³¹ “Vivid nightmares were not unusual for me. Over the years, I’d had so many that I had learned to free myself from their hold as soon as I opened my eyes. But sometimes I had other kinds of dreams, dreams that triggered visions, fragmented images, and symbols of a larger picture I felt compelled to put together. I dreaded that moment when my visions forced me to act on them. My dark gift was a mixed blessing at best, but it was a part of me, a part my reason always tried to deny or control.” (CORPI, 1999, p. 10)

³² “My first reaction was to say that I didn’t. But there had been a time when I hadn’t believed in clairvoyance, either.” (CORPI, 1999, p. 17)

que meu dom sombrio tinha sido o produto de um baço hiperativo. Quando ele foi retirado, uma parte da minha psique também havia sido removida. Ironicamente, eu sempre havia lutado contra o meu dom sombrio. Agora eu sentia falta dele.³³ (CORPI, 1999, p. 191)

É interessante notar a ironia reconhecida por Gloria, tendo se debatido tanto com seu dom e agora que não tem mais sonhos ou visões sente falta dessa sua percepção extrassensorial. Como afirma Rebolledo (1995, p. xi), ter múltiplas identidades possibilita a mudança de perspectivas e permite também contradições e paradoxos. Gloria rompe a dicotomia sem deixar de problematizá-la, e deste modo o resultado das diferenças não é um apaziguamento: “Não é mais uma luta para reconciliar opostos, mas uma busca por um novo tipo de consciência.”³⁴ (REBOLLEDO, 1995, p. 128). De tal forma, a estruturação da protagonista é dada a partir das diversas contradições que essa personagem abarca, uma vez que a ambivalência é exposta como inerente ao contexto social e à construção de sua identidade. Deste modo, ela se afasta dos discursos da racionalidade binária em direção a uma possível terceira via, propondo caminhos alternativos de pensamento e ação.

3 Considerações finais

Apesar de o corpus literário em questão propor uma visão de mundo problematizadora de construções históricas e sociais, ele também não é imune a transitar por questões complexas que podem se posicionar no limiar de essencialismos – tanto de gênero como de etnia. Porém, a forma como Corpi trabalha esses temas em sua série se mostra cuidadosa em buscar não reproduzir visões estereotipadas e é sempre problematizadora em relação tanto ao lado mais racional de sua protagonista, que se relaciona com a epistemologia tradicional, como também com seu lado emocional/espiritual, que leva a reflexões sobre uma herança cultural fora da hegemonia estadunidense e mais ligado às culturas nativas e mexicanas. Tudo isso é abordado com o cuidado de não haver uma simplificação, como bem aponta Vassos (2007, p. 52):

³³ “During my stay in Mexico, and later, already back in Oakland, I suspected that I had lost my dark gift, for I hardly had dreams of any kind, let alone visions. At times, in the hours of insomnia that sprinkled my long recovery, I had the neurotic notion that my dark gift had been the product of an overactive spleen. When it was taken out, a part of my psyche too had been removed. Ironically, I had always struggled against my dark gift. Now I missed it.” (CORPI, 1999, p. 191)

³⁴ “No longer it is a struggle to reconcile opposites, but instead it is a search for a new type of consciousness.” (REBOLLEDO, 1995, p. 128)

Corpi desestabiliza a concepção material da realidade ao acrescentar um componente sobrenatural. Essa habilidade sobrenatural [de Gloria Damasco] complementa suas habilidades investigativas, ao invés de obscurecê-las. Ela não resolve o caso por uma “visão”; antes, essas visões são pressentimentos do que está por vir e funcionam como fontes adicionais de informação. Damasco é, em última instância, fortalecida ao usar tanto suas habilidades racionais quanto espirituais. Corpi hibridiza a arte de detectar ao permitir que as investigações funcionem em dois planos simultaneamente: o intelectual e o espiritual.³⁵

A obra de Corpi reconhece uma multiplicidade de identidades chicanas e elabora um caleidoscópio de personagens que compõem um todo não-uniforme, mas que pode ser entendido como diversas facetas de uma intrincada conjuntura. Corpi constrói uma narrativa complexa, composta de muitas camadas, e suas personagens seguem também essa linha, mostrando-se multifacetadas, como a exemplo de sua protagonista Gloria Damasco. Assim, a série de Corpi revela que a comunidade chicana não abrange um grupo homogêneo ou um conjunto monolítico, mas que, mesmo tratando-se de uma coletividade com pontos em comum, há ainda muitas desigualdades internas, especialmente em relação às mulheres, as quais também não são representadas como um grupo uniforme. Corpi valoriza a cultura ancestral não-hegemônica, mas ao mesmo tempo sem simplificá-la, reinterpretando e criticando cada uma das visões de mundo, alinhando-se ao pensamento de Nelly Richard (2002, p. 148):

Fixar para sempre o feminino na imagem do corpo-natureza da América Latina como território virgem (símbolo pré-moderno de um espaço-tempo, ainda não contaminado pela lógica discursiva da cultura do signo), deshistoriza o significado político das práticas subalternas, cujas operações de códigos reinterpretam e criticam – hibridamente – os signos da cultura dominante, a partir do interior mesmo de suas correlações e mesclas de poder.

A escrita de Corpi se coloca criticamente diante dos modos dominantes de representação e contribui para que grupos excluídos como os chicanos – e especialmente as chicanas – possam recuperar uma parte de sua história e construir suas identidades com todas as complexidades que as envolvem. Há desta forma (re)descobertas históricas e recuperações culturais, possibilitando uma valorização

³⁵ “Corpi destabilizes the material conception of reality by adding a supernatural component. This supernatural ability complements her investigative abilities, rather than overshadows them. She does not solve the case by a “vision”; rather, these visions are presentiments of what is to come and act as additional sources of information. Damasco is ultimately empowered by using both her rational and her spiritual abilities. Corpi hybridizes the art of detecting by allowing the investigations to function on two planes simultaneously: the intellectual and the spiritual.” (VASSOS, 2007, p. 52)

da etnia e uma honra à ancestralidade, tornando o processo de construção identitária muito mais crítico, consciente e posicionado. A identidade é tomada como processo, como um mistério a ser investigado, e não como um produto. A obra de Lucha Corpi proporciona o descentramento significativo defendido por Richard (2002, p. 153):

[...] a crítica feminista deveria se preocupar com um feminino que não se arme como uma representação homogênea e homogeneizante, mas como um vetor de *descentramento* *significante*, que interroga os mecanismos de centralização do sentido e da identidade presentes em qualquer formação discursiva [...]

Assim, Corpi arrisca ao abordar questões que podem perigosamente flertar com uma visão essencialista simplificadora, mas consegue ir além, alcançando complexidades que discutem questões étnicas e de gênero de uma forma que propõe reflexões mais profundas acerca destes aspectos. Ela então “corre o risco”, acionando o essencialismo de forma estratégica, isto é, utilizando-o de modo político, ao valorizar aspectos de gênero e etnia tradicionalmente subalternizados, e indo contra uma hierarquização de saberes. Apesar de Gloria negar ou tentar controlar seu dom sombrio no início da trama, ela passa aos poucos a considerá-lo também um saber válido, além de sua racionalidade, sem denegrir um saber em detrimento de outro, ou seja, ela aceita a coexistência destes aspectos de modo não-excludente.

Gloria Damasco exemplifica claramente a abordagem questionadora da obra de Corpi em relação às diversas facetas de sua identidade e de como ela é formada por múltiplos aspectos transculturais e trans-históricos. Assim, a narrativa de Corpi pode ser percebida como se equilibrando no limiar do essencialismo, uma vez que coloca uma mulher de um grupo étnico subalternizado em relação direta com o sobrenatural e intuitivo. Contudo, devido às diversas problematizações que promove, indica que está em oposição ao pensamento binário hegemônico, ao evidenciar quão complexas são as oposições e que mesmo dentro de uma categoria há a diversidade acima de qualquer tentativa de homogeneização.

Referências

- ACUÑA, Rodolfo F. **Occupied America: a history of Chicanos**. 8. ed. New York: Pearson, 2015.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Postcolonial Studies: the key concepts**. 3. ed. London; New York: Routledge, 2013.
- ASHER, Kiran. Spivak and Rivera Cusicanqui on the Dilemmas of Representation in Postcolonial and Decolonial Feminisms. **Feminist Studies**, n. 3, v. 43, p. 512-524, 2017.
- BAHRI, Deepika. Feminismo e/no Pós-colonialismo. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 2, p. 659-688, 2013.
- CHÁVEZ, Ernesto. **¡Mi Raza Primero! (My People First!): Nationalism, Identity, and Insurgency in the Chicano Movement in Los Angeles, 1966-1978**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2002.
- CORPI, Lucha. **Eulogy for a Brown Angel**. Houston: Arte Público Press, 1992.
- _____. **Cactus Blood**. Houston: Arte Público Press, 1995.
- _____. **Black Widow's Wardrobe**. Houston: Arte Público Press, 1999.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>> Acesso em: 15 nov. 2018.
- FLYS-JUNQUERA, Carmen. Transgressive Appropriations in Lucha Corpi's Detective Fiction. **Journal of American Studies of Turkey**, v. 23, p. 1-14, 2006. Disponível em: <<http://www.asat-jast.org/index.php/jast/issues/78-jast-issues/128-issue-23>> Acesso em: 20 mai. 2016.
- FREGOSO, Rosa Linda; CHABRAM, Angie. Chicana/o Cultural Representations: reframing alternative critical discourses. **Cultural Studies**, v. 4 n. 3, p. 203-212, 1990. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09502389000490171>> Acesso em: 06 ago. 2018.
- FUSS, Diana. **Essentially Speaking: Feminism, Nature & Difference**. New York: Routledge, 1989.
- GARCÍA, Carmen M. Méndez. Private (Brown) Eyes: Ethnicity, Genre and Gender in Crime Fiction in the Gloria Damasco Novels and the Chicanos Comic Series. **Altre Modernità**, n. 15, p. 70-82, 2016. Disponível em: <<https://riviste.unimi.it/index.php/AMonline/article/view/7177/6972>> Acesso em: 12 mar. 2018.
- MALOOF, Judy. The Chicana Detective as Clairvoyant in Lucha Corpi's Eulogy for a Brown Angel (1992), Cactus Blood (1996), and Black Widow's Wardrobe (1999). **Ciberletras**, n. 15, 2006. Disponível em: <<http://www.lehman.edu/ciberletras/v15/maloof.html>> Acesso em: 19 abr. 2016.
- MARTÍNEZ, Elizabeth. **De Colores Means All of Us: Latina views for a multi-colored century**. Massachusetts: South End Press, 1998.
- PEARSON, Carol. Writing from the outside in: constructs of memory and Chicanas as private eyes in three detective novels by Lucha Corpi. **Interdisciplinary Literary Studies**, v. 4, n. 1, p. 38-51, 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41208805>> Acesso em: 18 set. 2017.

PHILLIPS, Anne. What's wrong with Essentialism? **Distinktion**, n. 20, p. 47-60, 2010.

PRATT, Mary Louise. "Yo Soy La Malinche": Chicana writers and the poetics of ethnonationalism. **Callaloo**, v. 16, n. 4, p. 859-873, 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2932214>> Acesso em: 20 ago. 2018.

QUIÑONEZ, Naomi H. Re(Riting) the Chicana Postcolonial: from traitor to 21st century interpreter. In: ALDAMA, Arturo J.; _____. **Decolonial Voices: Chicana and Chicano Cultural Studies in the 21st Century**. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

REBOLLEDO, Tey Diana. **Women Singing in the Snow: a cultural analysis of Chicana literature**. Tucson: University of Arizona Press, 1995.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICHARD, Nelly. Parte 3. Diferença sexual, gênero e crítica feminista. In: _____. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política**. Tradução de Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 125-172, 2002.

RODRIGUEZ, Ralph E. **Brown Gumshoes: detective fiction and the search for Chicana/o identity**. Austin: University of Texas Press, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Subaltern Studies: Deconstructing Historiography. In: _____. **In Other Worlds: Essays in Cultural Politics**. New York and London: Methuen, 1987.

VASSOS, Inés Patricia. **Hybridizing History, Spirituality and Genre in the Works of Lucha Corpi, Julia Alvarez and Achy Obejas**. New York: Stony Brook University, 2007.



Fluid essences: the question of essentialism in Chicana women's literature

ABSTRACT:

This paper analyzes the question of essentialism in works by Chicana author Lucha Corpi. The protagonist Gloria Damasco acquires an extrasensory perception, which can be interpreted as something “proper” to the female figure and “connected” to a native culture. References from gender theory, such as Asher (2017) and Richard (2002), and from Chicana/o studies, such as Quiñonez (2002) and Rebolledo (1995), are used. These works can be seen at the threshold of essentialism, but they indicate that they are in opposition to hegemonic thinking, by showing that, even within a category, there is diversity above any attempt at homogenization.

KEYWORDS:

Chicana/o Literature;
Gender Studies;
Essentialism.